

DE MARGENS E BORDAS: A CONTRA-NARRATIVA DA NAÇÃO EM IARARANA

Gisane Souza SANTANA*

Resumo: O presente trabalho pretende analisar a construção da nação na contemporaneidade a partir dos discursos performático e pedagógico no corpus literário *Iararana* de Sosígenes Costa - alegoria que narra a formação étnico-cultural do Sul da Bahia, partindo de elementos formadores da identidade nacional, ou seja, elementos que remetem ao hibridismo cultural da nação brasileira: o branco Tupã-Cavalo, Iara e o índio. O questionamento que norteará o trabalho busca explicar a narrativa dos mitos fundadores no tempo historicista do discurso pedagógico e as fissuras provocadas no discurso historicista pela contra-narrativa do performático. A análise será feita com base nos conceitos dos teóricos: Anderson(1989); Chauí (2001);Hall (1999); Bhabha (1998); Nestor Canclini (2000) Hutcheon(1991).

Palavras-chave: Nação; Discurso pedagógico; Discurso performático.

Cree que su tarea es iluminar la historia a contrapelo.
Walter Benjamin

*Quero descobrir e revelar a face obscura,
aquela que foi varrida dos compêndios de História*
Jorge Amado

1. Considerações iniciais

O presente trabalho pretende analisar a construção da nação na contemporaneidade a partir dos discursos performático e pedagógico no *corpus Iararana*, de Sosígenes Costa. Pressupõe-se que, na obra elencada, a escrita da nação seja pautada no tempo disjuntivo, contemplando os discursos pedagógico e performático, instaurando uma nova escrita da nação na pós-modernidade.

A análise será feita com base na Teoria dos Estudos Culturais, sobretudo, nos conceitos de Homi K. Bhabha (1998) - *tempo disjuntivo, povo*,

* Aluna do curso de Especialização em Estudos Comparados em Literatura de Língua Portuguesa. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais ICER. E-mail: gisa_santana@yahoo.com.br

discursos pedagógico e performático -, que serão trabalhados, concomitantemente, à sua aplicabilidade no *corpus* literário.

Primeiro será estabelecida uma relação entre a figura mitologia do deus Kronus e os tempos que esse deus mítico representa, com os conceitos de tempo historicista e disjuntivo de Bhabha. Em seguida, serão expostos os conceitos de discurso pedagógico e performático, que emergem, respectivamente, dos tempos citados, bem como os conceitos de povo pertencentes a cada um deles. A obra literária servirá de base para elucidar o referencial teórico escolhido.

Discutir a questão da identidade exige a retomada de alguns conceitos que permitem que esta seja vista como uma construção discursiva pela qual os indivíduos se localizam individual e socialmente (HALL, 1999). A partir dessa localização são construídos os sentidos que marcam as características mais representativas de um povo.

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas que em alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida (...). O autoconhecimento invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros. (CASTELLS, 2000 p. 22)

Castells caracteriza a identidade como o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(em) sobre outras fontes de significado. Assim, entende-se, que é operada uma espécie de seleção por parte da sociedade dos atributos culturais que devem definir os seus traços distintivos e, a partir dos sentidos conferidos a eles pelos indivíduos, passa-se a edificar as identidades.

A identidade é, então, construída a partir de um repertório cultural que se apresenta na sociedade, que pode se expressar como conhecimento científico, práticas artísticas ou religiosas. Mas, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo e espaço. Os grupos sociais remodelam essas práticas e conhecimentos de acordo com o propósito dos seus projetos de formação, transformação ou manutenção das identidades. Esse aspecto fará com que os indivíduos enquadrem a produção cultural individual e coletiva aos interesses dos projetos comuns da sociedade. Estabelece-se aí quem está apto ou se interessa a pertencer a determinados grupos de acordo com as suas identidades.

Woodward afirma que “com freqüência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável

(2003, p.13). No entanto, ver a identidade como fixa e imutável corresponde apenas a uma estratégia para tentar formar nas consciências a sensação de homogeneidade que, na verdade, não corresponde mais ao conceito pós-moderno de identidade, devido aos processos de *hibridização cultural* (CANCLINI, 2003).

O sujeito pós-moderno, segundo HALL (2005, p. 13), é

conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

A identidade, de acordo com a concepção pós-moderna e enquanto resultado das atribuições culturais, "é vista como uma manifestação muito mais flexível, uma vez que tem sido mais difícil a tarefa de se situar num ambiente mediado e formado por uma constante hibridização cultural (CANCLINI, 2003, p.19). Os sujeitos passam a assumir diversas identidades que não mais existem como algo unificado, mas que respondem a momentos específicos e a contextos diversificados. Daí a necessidade de se formular estratégias que permitam que, mesmo com a hibridização das culturas e formação múltipla das identidades, sejam construídos aspectos que reúnam os indivíduos em categorias de acordo com algumas características comuns ao grupo e que permitam que esses se sintam como parte de um todo.

Deve-se encontrar, portanto, formas de se costurar as diferenças decorrentes das várias identificações, a fim de constituir uma certa homogeneidade capaz de classificar os indivíduos segundo particularidades que os definam.

Para Hall (2005, p. 62),

uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de 'um único povo'. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais - língua, religião, costume, tradições, sentimento de 'lugar' - que são partilhados por um povo.

Essas classificações acerca das caracterizações do povo são fundamentais para gerar um agrupamento em torno dos mesmos aspectos culturais que promoverão as impressões de homogeneidade. A unicidade mostra-se aí como uma marca que reúne os requisitos que cada indivíduo deve conter para que nasça a *sensação de pertencimento* a uma cultura.

Perceber a identidade como processo que emerge de atributos culturais é crucial, portanto, para a compreensão do papel que as representações têm na edificação dos sentidos que compõem as identidades. Assim, é possível dizer que só a partir da representação será possível conceituar a identidade

nacional explicando a sua importância nas sociedades contemporâneas, nos domínios cultural e social. Nesse contexto, a cultura, enquanto expressão da produção de bens simbólicos que definem as identidades surge como uma síntese de representações capazes de produzir as identificações dos sujeitos com o meio no qual está inserido.

Dessa forma, a literatura adquire o *status* de representação identitária cujo funcionamento age como fonte de significados e suscita a abordagem dos aspectos culturais da sociedade a que se refere. A partir dessa abordagem pode-se inferir que a construção de traços característicos que compõem as identidades são provenientes das representações que abarcam e sintetizam os elementos da cultura. A representação literária estudada, por exemplo, apresenta o potencial de retratar com grande riqueza os aspectos da cultura regional, permitindo que a identidade seja consolidada a partir de sua dimensão local.

Antes que se perceba imerso numa cultura universal, na qual se experencia um contato mais íntimo com outros ambientes culturais, o sujeito precisa se centrar num contexto local para encontrar os referenciais que interferem de forma mais contundente na sua individualidade: “Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma *entidade* em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável (CANCLINI, 2003, p. 190). As identificações com os fatores sociais formam-se primeiro nos espaços cujas identidades são mais facilmente constituídas, ou seja, a formulação da identidade se processa inicialmente em referência ao contexto local. As produções culturais das comunidades passam a ter maior relevância por refletir mais diretamente as características que se relacionam aos grupos sociais locais. Isso reforça também a idéia de que a nação é uma comunidade simbólica

Outro aspecto relevante que se refere aos produtos culturais que visam a reafirmação das identidades é que estes funcionam, ainda, a partir de algumas estratégias a fim de situar as origens de um povo através de narrativas que agem como mitos fundadores ou lendas de tradição oral, “construindo os sentidos que compõem as identidades (BHABHA, 1998, p. 56).

Esse aspecto se verifica, assim, na literatura, na cultura popular através de estratégias discursivas que objetivam gerar a noção de continuidade, de intemporalidade e de *tradição inventada* (HOBSBAWM, 1997) fato observável em *Irarana*. A crença em um passado imaginado comum a todos orientam os indivíduos na história de formação da sua coletividade e preenchem de sentidos suas identidades, trazendo assim a idéia de *comunidades imaginadas*

É imaginada porque os membros até das menores nações nunca chegam a se conhecer mutuamente. [...] É imaginada como soberana porque o conceito nasceu numa era em que o Iluminismo e a Revolução destruíam a legitimidade do reino dinástico hierárquico, ordenado pelo poder divino. [É] imaginada como comunidade porque a nação é sempre concebida como um profundo companheirismo horizontal. (ANDERSON, 1989, p.6-7)

Dessa maneira, a partir da produção cultural é possível que as pessoas de determinado local sintam-se agregadas, compartilhando modos de se comportar e pensar, vivenciando um sentimento de cultura partilhada.

A *invenção* histórica da nação, enquanto Estado político, deslocou o termo *povo*, utilizado para se referir às pessoas que nasceram num mesmo lugar. Para Homi K. Bhabha, o conceito de povo

consiste em “objetos históricos de uma pedagogia nacionalista, que atribui ao discurso uma autoridade que se baseia no pré-estabelecido ou na origem histórica constituída no passado; o povo consiste também em “sujeitos de um processo de significação que deve obliterar qualquer presença anterior ou originária do povo-nação para demonstrar os princípios prodigiosos, vivos, do povo como contemporaneidade, como aquele signo do presente através do qual a vida nacional é redimida e reiterada como um processo reprodutivo. (BHABHA, 1998, p. 206)

Nessa visão, o povo, como um conceito de massa homogênea, aparece enquanto estratégia retórica de persuasão, que tem como fim a construção pedagógica de uma coesão social. Contraditoriamente, o povo, no discurso performático, é representado enquanto sujeito da nação, aquele que a constitui. Portanto, o conceito de povo é uma peça fundamental de articulação dos discursos ambivalentes da nação.

2. O tempo duplo e cindido nos discursos ambivalentes da nação

Na mitologia grega, o deus Kronus utiliza uma dupla simbologia para expressar o domínio sobre a passagem do tempo. A primeira remete a uma temporalidade linear, horizontal simbolizada pela ampulheta que carrega em uma das mãos. O senhor do tempo é também representado portando uma serpente em forma de círculo aberto. Tal simbologia que remete a uma temporalidade aberta, infinita e, por isso, distinta daquela proposta linear e cronologicamente determinada.

As imagens a ampulheta e a serpente - remetem a temporalidades distintas. A imagem da ampulheta representaria um tempo horizontal, linear, cronologicamente marcado, um tipo de historicidade fixa e determinada. A passagem do tempo, representada pela areia que cai, remete ao evento que essa temporalidade controla como algo com princípio e fim, previamente estabelecidos. A serpente, cujo corpo representa um círculo aberto, no qual cabeça e cauda jamais se encontram, propõe uma outra forma de olhar sobre a temporalidade. O círculo aberto, cabeça e cauda, sem princípio ou fim, marcam um processo temporal, no qual acontecimentos não podem ser rigidamente fixados. Os acontecimentos fluem num processo temporal cuja mobilidade não permite que sejam fixados numa sucessão cronologicamente datada, em princípio e fim para os eventos.

O teórico Homi K. Bhabha propõe a (re) escrita da história da moderna

nação ocidental, considerando as questões acerca da temporalidade da escrita. À semelhança daquela passagem do tempo, representada pela ampulheta na mão do deus grego, a escrita da nação baseou-se num tipo de temporalidade historicista, horizontal, um conceito de tempo no qual acontecimentos são apresentados em sua historicidade fixa. O evento, com princípio e fim determinados, converte-se numa sucessão de ações presas a uma historicidade linear: “a equivalência linear entre evento e idéia, que o historicismo propõe, geralmente dá significado a um povo, uma nação ou uma cultura nacional, enquanto categoria sociológica empírica ou entidade cultural holística (BHABHA, 1998, p. 200).

Nesse conceito de temporalidade estaria contemplado como evento histórico apenas aquele acontecimento que correspondesse à idéia previamente fixada. A nação, na narrativa temporal do historicismo, se converte num único olhar sobre o acontecimento, como sendo capaz de representá-lo em sua amplitude. A escrita da nação, nessa temporalidade *homogênea e vazia*, relega os eventos não contemplados pela idéia às bordas e margens da escrita da nação.

Escrever a nação a partir de suas margens e bordas exige um outro tipo de temporalidade, distinto daquela linearidade proposta pela visão historicista e pelo holismo cultural. Essa escrita da nação, a partir das margens, propõe que se considere temporalidades diversas e múltiplas, levando-se em conta as escritas que foram silenciadas pelo conceito *de comunidades imaginadas* (ANDERSON, 1989). Uma temporalidade na qual as diversas manifestações culturais sejam consideradas, um tempo sem início nem fim, a exemplo da emblemática serpente na mão do deus Kronus, cujo movimento circular permite uma visão em totalidade do corpo representado “*espaço sem lugares, tempo sem duração* (ALTHUSSER *apud* BHABHA, 1998, p. 202).

Na temporalidade disjuntiva da pós-modernidade, proposta por Bhabha, a escrita da nação requer um tipo de duplicidade ambivalente que contemple os eventos e narrativas que ficaram à margem da escrita monológica do historicismo e de seu tempo homogêneo e vazio; um tempo ambivalente que move a escrita da nação para outro lugar, no qual fragmentos e retalhos de significação cultural são incorporados às narrativas da nação.

Em Iararana, Sosígenes apresenta a colonização em seu aspecto ambivalente “veio da Oropa o danado a descobrir este rio “ ... e se chamou dono da gente , essa escrita dupla apresentadas nesses trechos permite que sejam contemplados os outros aspectos e as dissonâncias do evento histórico o heroísmo do colonizador e a (des) construção do herói nacional vistos a *contrapelo* (BENJAMIM, 1994), desmistificando e desconstruindo o discurso monológico da nação. Essa escrita ambivalente da nação, constrói uma outra temporalidade narrativa *a temporalidade disjuntiva-*, baseada na *cisão* entre a temporalidade continuísta e cumulativa do pedagógico e a estratégia repetitiva,

recorrente do performativo. É nesse processo de cisão, que a escrita ambivalente torna-se o lugar de escrever a nação.

Sosígenes Costa ao reunir discursos híbridos e ambivalentes e ao revelar outras vozes narrativas, como a dos índios, animais, o espírito da mata, figuras folclóricas e mitológicas, questiona e/ou mina os conceitos de hegemonia, pureza e de nação homogênea traduzido na metáfora do *muitos como um*, que universaliza as experiências e move-se para outro *topos* no qual as experiências individuais são valorizadas como integrantes de uma coletividade.

Partindo da literatura produzida por colonizados e colonizadores, Bhabha discute a narração da nação através de discursos que considera híbridos e ambivalentes. Apresentando diferentes tradições de escrita, o autor enfoca seu estudo na cisão da narrativa historicista, representativa do povo, enquanto presença histórica a priori, linearmente contada, e a narrativa do tempo não-linear que incita uma dialética entre diversos momentos históricos da cultura sempre no instante presente. Através dessa proposta de análise, Bhabha descreve duas estratégias discursivas presentes no discurso de formação da nação: *pedagógica e a performática*.

Todo o esforço empregado em reunir a nação como uma uniformidade, com um passado que nunca cessa, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal, costurando tecidos históricos tradicionais para expressar a acumulação do discurso progressista de um todo resulta no historicismo, no conceito de *pedagógico*, que, por sua vez, “funda sua autoridade narrativa em uma tradição do povo [...] encapsulado numa sucessão de momentos históricos que representa uma eternidade produzida por autogeração (BHABHA, 1998, p. 209). Esse conceito envolve o anonimato do coletivo em função do todo, tomando o geral como representativo de um território. As fronteiras espaciais funcionam enquanto agentes legitimadores da tradição de um tempo interior.

O tempo de escrita da nação, no discurso pedagógico, é linear, ou seja, é um tempo homogêneo que não permite a transparência das fissuras do presente, das vozes minoritárias, transformando a comunidade numa representação horizontal do espaço. Na temporalidade pedagógica, o discurso unificador das vozes dominantes, torna-se uma escrita narcísica na qual o todo da nação é representado metonimicamente pela parte que escreve a História oficial.

Nessa escrita narcísica, o processo de construção da nação é derivado apenas do trabalho do europeu, branco, cujo processo ‘civilizatório’ é responsável pelo desenvolvimento da nação. Por isso, o tempo pedagógico é marcado pela idéia de coesão social no presente - *muitos como um*. Tal temporalidade é constituída por idéias fundamentalmente baseadas num passado historicamente concebido, com uma função nitidamente ideológica.

Se o discurso do nacionalismo articula um tipo de narrativa que privilegia a coesão social, Bhabha, ao contrário, procura pensar a nação a partir de suas

margens - *os conflitos sociais e as vivências das minorias*. Assim, o referido autor pensa a nação a partir de suas *descontinuidades*; trata-se de uma recusa da narrativa monolítica da nação. O segundo conceito trabalhado por Bhabha - *o performático* - é característico das *contra-narrativas*¹. Isto porque resulta da tessitura dos retalhos descartados pela narrativa *pedagógica*. Esses fragmentos tematizam o particular, uma visão que não oferece continuidade discursiva ao projeto nacional como um todo. São silenciados, porém permanecem presentes, aptos a desorganizar as estratégias ideológicas que atribuem à nação uma identidade essencialista:

É a partir dessa instabilidade de significação cultural que a cultura nacional vem a ser articulada como uma dialética de temporalidades diversas moderna, colonial, pós-colonial, 'nativa [...] sempre contemporânea ao ato de recitação. É o ato presente que, a cada vez que ocorre, toma posição na temporalidade efêmera [...]. (BHABHA, 2003, p. 215)

Esse diálogo temporal ocorre em *lararana*, pois a obra reúne fragmentos dos diversos momentos históricos referidos por Bhabha, sempre na ocasião presente. No poema, acontece a articulação dos retalhos (etnias, línguas, versões para os fatos etc.) que ainda não são inteiramente comportados pela narrativa tradicional. A voz de personagens étnicos regionais, através da fala dos mitos, intensifica o caráter contra-narrativo de tornar opacas as "fronteiras totalizadoras - tanto reais quanto conceituais (Ibid., p. 211), que passam a ser *imaginadas* com base na contemporaneidade. Quando Romãozinho canta o "coco da taruíra", Sosígenes Costa exemplifica a voz de um personagem social brasileiro exibindo sua impressão sobre o colonizador, muitas vezes, diluída pelo discurso histórico tradicional.

A filhinha da mãe-d'água
Vai ficar *araçuaba*.
É tão branca que parece
Lagartixa descascada
Lagartixa *taruíra*
Caquende papai-vovô (COSTA, s.d., p. 45) (grifo nosso)

Menina laranja com ar de raposa
E de pata-choca danada de runhe.

lararana puxou ao cavalo-marinho,
Não puxou à mãe-d'água que é aquela beleza da boca do Bu.
lararana cresceu e tocou a judiar (Ibid., p. 60)

¹ As contra-narrativas "perturbam aquelas manobras ideológicas através das quais *comunidades imaginadas* recebem identidades essencialistas (BHABHA, 2003, 211).

A apropriação feita por Sosígenes de um arcabouço de termos da língua tupi para descrever o colonizador pelo olhar do colonizado retoma o tempo de escrita das outras vozes do nacional, as minoritárias. O aspecto de haver na obra discursos plurais e várias vozes que convivem em um só texto, já suscita a impossibilidade de se ver a história como um discurso unívoco, principalmente quando a mesma voz pode “falar” de distintos ângulos e focalizar de distintas maneiras.

Assim, a cisão provocada pela escrita ambivalente da nação questiona o historicismo, cuja premissa de uma suposta correspondência linear entre evento e idéia relegou às margens toda e qualquer História que não estivesse contemplada no conceito de comunidade imaginada da nação.

Considerações finais

A análise da teoria dos Estudos Culturais, aliada à das obras literárias, mostrou-se relevante porque permitiu contemplar uma outra temporalidade de escrita da história, baseada em suas fissuras, performances vividas na clandestinidade porque não representadas na temporalidade vazia do pedagógico. O tempo performático, ao deslocar o conceito de povo para os limites entre o discurso totalizador e as ações conflituosas no interior da nação, abala verdades eternas e auto-geradoras de si mesmas e inscrevem, nesse tempo cindido, vozes silenciadas, culturas de margens e outras narrativas presentes no espaço da nação.

É possível afirmar que a temporalidade continuísta, a pedagógica, garante a homogeneidade, na medida em que faz alusão a um passado supostamente comum a todos. Já a temporalidade da performance permite que os subordinados intervenham no processo de significação e alterem as representações dominantes. Assim, a escrita da nação jamais conseguirá abolir a diferença, uma vez que as contra-narrativas surgem no nível performático.

SANTANA, G. S. OF MARGINS AND BORDERS: THE COUNTER-NARRATIVE OF THE NATION IN IARARANA

Abstract: *The present work intends to analyze the construction of the nation in the current from the performatic and pedagogical speeches in the literary corpus Iararana de Sosígenes Costa - alegoria that he tells the ethnic-cultural formation of the South of the Bahia, leaving of elements formadores of the national identity, that is, elements that they send to the cultural hibridez of the Brazilian nation: the white Tupã-Cavalo, Iara and the Indian. The questioning that will guide the work searches to explain the narrative of founding myths in the historic time of the pedagogical speech and the fictions provoked in the historic speech for the against-narrative of the performatic. The analysis will be made on the basis of the in the concepts*

of the theoreticians: Anderson(1989); Chauí (2001);Hall (1999); Bhabha (1998); Nestor Canclini (2000); Hutcheon(1991).

Key-words: *Nation; Speeches pedagogical; Speeches performatico;*

Referências

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução de De Lólio L. de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política. In: _____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Hommi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BHABHA, Hommi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COSTA, Sosígenes. *Irarana*. São Paulo: Cultrix, s.d.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HALL, Stuart. Identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2003.